

33. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTº POLITÉCNICO SETÚBAL,

cripta manent



23º Fundão 2015



19º Maia 2013



19º Maia 2013



24º graciososa 2015
RIPA 2010



13º Floripa 2011



23º fundão 2015



13º FLO-

LUCIANO PEREIRA é Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982, Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992, Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, 2004

Comunicações e artigos:

A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes
Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.
A representação da Ilha na literatura de temática açoriana

Atas do XXXI Colóquio da Lusofonia – Belmonte – 12-15 abr 2019

A representação da Arrábida na literatura portuguesa

A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas

O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa

O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular

Os contributos míticos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional

A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica

A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio

Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução

O mau-olhado na cultura popular

A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila

Referências e indícios hebraicos na literatura popular

Contributos árabes na literatura popular portuguesa

As mouras encantadas no imaginário galaico-português

A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro



11º Lagoa 2009



16º SANTA MARIA 2011



29º BELMONTE 2018



13º FLORIPA 2010



21º Moinhos 2014



16º SANTA MARIA 2011



13º FLORIPA 2010



29º BELMONTE 2018



15º MACAU 2011



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 2016

Ensaio:

A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.

Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

A cidade
A língua.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

DISCIPLINAS LECIONADAS:

Globalização das Expressões, Literatura para a Infância, Introdução à Literatura Comparada, Retórica e argumentação, Culturas Populares, Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, ...

Tema 3.2. Representações literárias do bestiário nuclear mitríaco: O boi. Luciano Pereira. Escola Superior de Educação. Instº Politécnico de Setúbal

Introdução

O presente artigo esteve na origem de uma comunicação que realizei no contexto do I Congresso Internacional sobre O Cavalo e o Touro na História e na Proto-História na Golegã e na Chamusca, de quinze a dezanove de maio de 2013. A extrema

dificuldade de ter acesso, hoje, às atas publicadas sob a coordenação do Professor Doutor Fernando Augusto Coimbra tornou a sua publicação ainda mais pertinente.

0. Representações fabulísticas

A referência mais antiga que associa o touro a um culto solar divino surge na Epopeia de Gilgamesh. Ishtar, para vingar-se, implora o deus-touro que ordena ao touro celeste uma investida contra Gilgamesh. Dizima centenas dos seus homens. Enkidu tenta uma pega falhada. Pega-lhe então pelo rabo e Gilgamesh pelos cornos. Sacrificam o animal com uma estacada junto à nuca, arrancaram-lhe o coração e ofereceram-no ao deus-sol. A partir daí, o Sol e touro formaram um só e ganham cada vez maior importância. Os cultos solares evoluem no sentido de uma supremacia divina, anunciando traços monoteístas.

A primeira referência escrita ao culto mitríaco é, todavia, de Plutarco e data do século I a.C.

Provavelmente originárias da Suméria, onde foram encontrados os mais antigos exemplos datando do século XX antes de Cristo, e presentes na literatura sânscrita (Veda), 2000 a 1000 anos antes de Cristo; as fábulas inscrevem-se numa longuíssima tradição literária escrita. Coleções de tabuinhas de escritura cuneiforme, encontradas na Mesopotâmia, evocam-nos quadros familiares da raposa vaidosa que, tendo mictado na água do mar, exclama que a totalidade do oceano é feita da sua urina; do mosquito presunçoso que, ao poisar sobre um elefante, lhe pesa a consciência e pergunta se o seu peso é suportável.

Mais de trezentos textos oriundos da Babilónia mencionam animais e pelo menos trinta deles apresentam um verdadeiro desenvolvimento narrativo.

Os diálogos entre animais, tão típicos das fábulas, surgem na Babilónia a partir de um outro género sumério que constituía a discussão (disputa dialogada). A história O Boi e o Cavalo, que opõe a vida pacífica e rural à vida militar e guerreira, é um dos mais eloquentes exemplos:

Ce qui importe de relever ici c'est que nous nous trouvons en présence d'un apologue, d'un récit à des fins moralisantes qui oppose la vie pacifique à celle du guerrier, la modeste tranquillité du travail à la gloire pleine de périls dans les batailles. Il y a là un genre littéraire qui sera représenté dans la littérature grecque par Esope; incontestablement on a le droit de penser à des thèmes d'inspiration orientale, [...] (Moscati 1963: 95)

Muitos dos textos em questão apresentam uma grande afinidade com os provérbios e possuem uma estrutura antitética, todavia nenhum apresenta uma moral explícita. Segundo a maior parte dos investigadores, todos eles pertenceriam a bibliotecas escolares. Constituiriam materiais pedagógicos de apoio ao ensino do sumério, língua dos antigos habitantes do país e inventores da escrita, para alunos que falariam o acádio, língua semita vernácula. Mais do que textos literários, tratar-se-á de um fundo comum oral para motivar e apoiar a aprendizagem da língua.

Roma apropriou-se da herança literária helénica e em particular a de Esopo ou, mais precisamente, da que era atribuída a Esopo. Horácio refere muitas delas nas suas sátiras e nas suas epístolas tais como *O Cavalo* e *o Veado*.

O primeiro fabulário português data do século XIV: *Fabulae Aesopi in lingua Lusitana* (Vasconcelos 1902, vol. VIII: 99-151). Todavia, as fábulas não são traduções das que tradicionalmente eram atribuídas a Esopo, mas são, de facto, do mesmo tipo e da mesma forma: a obra é constituída por sessenta e três fábulas entre as quais: *O Asno*, *o Touro* e *o Porco*; *O Azemel*, *a Mosca* e *a Mula*; *O Cavalo* e *o Leão* que se *fingia médico*; *O Asno* e *o Cavalo loução*; *O Cervo* e *os Bois*...

Foi com parábolas que Cristo se expressou. Tal como a parábola, a fábula medieval pertence ao género mais geral do apólogo, distingue-se por pretender interpretar, com uma eficácia máxima, a sua narrativa exemplar enquanto estrutura fechada, coesa e suficiente, embora tal pretensão não passe de um esforço de totalitarismo ilusório, que em nada belisca a ressonância simbólica, polissémica e indomável, da história.

Uma coisa é certa, se a narrativa é autossuficiente, não é menos verdade que uma longa tradição identifica a moral como a «alma da fábula».

A mais antiga e distante sabedoria dos povos fala-nos através da fábula. Género escolar na Suméria, género escolar terá sempre permanecido, apesar de ventos e marés, revoluções e involuções. As primeiras fábulas gregas conhecidas são de Hesíodo (Hésiode 1996), surgem com preocupações éticas, também pretendem proceder a uma recolha de princípios de conduta e de moral que abrange todos os aspetos da vida humana.

Normalmente, desde a antiguidade que a moral aparece destacada do resto do texto. Os autores gregos e latinos apresentam-na tanto no início como no fim da história. No *Panchatantra* (Lancereau 1965) aparece simultaneamente no início e no fim das pequenas narrativas. Os autores medievais consideravam-na o espírito do texto e escreviam-na em letras douradas.

Citemos, a esse respeito, o esclarecedor prólogo do *Fabulário Português* do século XIV:

Este Exopo em aqueste sse liuro poem muytas estorias ffremosas d'animalias, de homees e de aues e de outras cousas, segumdo em elle veredes, pellas quaaes ell nos emsinava como os homees do mumdo deuem de viuer virtuosamente e guardar-sse dos males. Essemelha este sseu liuro a huu horto no quall estam flores e fruytos: pellas frores sse emtemdem as estorias, e pello fruyto sse emtende a semtença da estoria; e comvida os homees e amoesta os que venham a colher das frores e do fruyto. Ainda compara este sseu liuro aa noz, que há dura casca, e haos pinhões, que demtro teem ascomdido o meolo que he ssabori-do: assy este liuro tem em ssy escondido muytas notaaes semtenças. (Vasconcelos 1902: 103)

Preocupados com o espírito da letra mais do que com a formosura da história, mais com o sentido, menos com a forma, o autor medieval sabe que para o homem avisado, em cada história existe uma pérola que é necessário saber apreciar e reconhecer porque revelam as palavras e o caminho do Senhor, caminho de salvação.

A influência greco-latina continua, todavia, a ser bastante prenunciada. Em muitos dos seus contos, o espanhol, D. Juan Manuel (1984) segue a versão latina de *Romulus* ou a versão de Cerítonensis (Odo of Cherinton). Juan Ruiz (1994) prefere inspirar-se em Walter (Gualterius Panormitanus ou Anglicanus, capelão de Henrique II de Inglaterra), mas não desdenha outras fontes tal como o famosíssimo *Roman de Renart* (Roques 1982) e talvez Marie de France (Roquefort 1820). Algumas parecem mesmo denotar influências de fábulas bizantinas ou até clássicas.

De todos os autores que recolhem fábulas antigas durante a Idade Média, o que mais as integra no seu meio específico, no seu espaço e na sua época é sem dúvida Juan Ruiz. O rei Leão persigna-se antes de comer, trata por vassalo o Cavalo que se prepara para devorar (Ruiz 1994: 139-140), e tem acessos de fúria por ouvir um burro que se julga jogral (Ruiz 1994: 219-220).

A obra espanhola revela-nos um poeta poderoso, muito superior aos poetas goliardos vulgares, com laivos de puro lirismo nas *Cantigas de Serrana* e nas de Nossa Senhora, com tanta graça no modo de nos contar as suas fábulas que não podemos deixar de lhe reconhecer uma verdadeira e profunda originalidade. Para além de *O banquete do Leão* doente, muitas são as fábulas que foram incrustadas em narrativas contadas pelas personagens principais, o Arcipreste, uma pobre freira e o 'Trotaconventos'.

Um número significativo encena touros e cavalos: *As Rãs que pediram um rei a Júpiter*; *O Cavalo e o Burro*; *O Cavalo que*

prega um par de coices no Leão, O Leão velho, etc.

Mais perto de nós, evoquemos a sugestiva fábula de João de Deus, *O Leão Moribundo*, por ter sabido cativar a imaginação dos miúdos e graúdos imortalizando-se em sucessivos manuais e compêndios escolares...). Recordemos apenas alguns dos versos que consideramos mais pertinentes:

*Veio o cavalo e deu-lhe uma patada!
Veio o lobo, ferrou-lhe uma dentada!
Veio o boi, arrumou-lhe uma marrada!
Ele contudo, manso como um lago,
Apenas lhe lançou um olhar vago...
(Ramos 1995: 52)*

E como não recordar o castigo que os cavalos infligem ao lobo Brutamontes em *O Romance da Raposa* de Aquilino Ribeiro (1986) tão influenciado pelas tropelias do *Roman de Renart* medieval e pelos desfechos de *A Raposa*, o *Lobo* e o *Cavalo* (XII, 17: 511-513), de *O Cavalo* e o *Lobo* (V, 8: 215-217) e de *O Leão Velho*, uma das fábulas que marcou forte presença nos livros de leitura do primeiro período do Estado Novo (José Tavares, 1933, 1935 e 1952; Augusto Lima, 1947; António Lucas, s.d.), desaparecendo completamente dos manuais escolares posteriores à revolução de Abril.

Embora os nossos mestres da literatura para a infância não considerem a sua lição pertinente, a verdade é que de um ponto de vista poético, talvez seja uma das fábulas mais superiormente trabalhadas desde de La Fontaine. A fábula apresenta um particular interesse por se terem encontrado e confrontando nela três dos nossos melhores fabulistas, um dos quais Bocage. É evidente a sua superioridade poética, o seu sentido do equilíbrio e do ritmo, a sua capacidade de síntese, a naturalidade e a expressividade da sua linguagem:

*Terreor da selva outróra então cahido
Em annos um Leão, priscas proezas
Recordando com lástima, assaltado
Se vio por seus Vassallos proprios; fôrtes,
Que o vião fraco. -Chega, e um couce atira-lhe
O Cavallo, dentada ferra o Lôbo,*

O Boi cornada. - Triste e taciturno
O mísero Leão, cortado de annos,
Póde apenas rugir; seu fado espéra,
Sem dar um só queixume. Mas, um Burro
Vendo, que ao seu covil correndo vinha:
(Leão). É de mais: Venha a morte que teus couces
Soffrer, é duas vêzes soffrer máрте.
(Elísio 1838: 103)

Decrépito o Leão terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrépidos tornou sua fraqueza.
Cruéis insultos sofria.
Chegou sorrateiro lobo
E pregou-lhe uma dentada;
Deu-lhe o cavalo dois coices
E o touro dura marrada;
"Minha fraqueza os faz fortes",
Clamava a fera infeliz!
"Paciência agora me fazem
O mesmo que eu já fiz."
Nisto, aos pinotes zurrando,
Farfante, o burro chegou,
E, voltando-lhe a garupa,
Quatro coices lhe atirou.
"Ahl, que afrontal!, que desgraça!";
Disse o leão dando um urro,
"Antes mil vezes a morte
Que sofrer coices de um burro."
Quando qualquer poderoso

*Decai do antigo poder,
Conte que até do mais vil
Afrontas há de sofrer.
(Semedo s.d.: 94)*

*Eis o Lobo c'os dentes o maltrata,
O cavalo c'os pés, o Boi c'o as patas,
E o mísero leão rugindo apenas,
Paciente digere estas afrontas:
Não se queixa dos Fados, porém vendo
Vir o Burro, animal de ínfima sorte,
Ah vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
Mas sofrer-te uma injúria é mais que morte.
(Bocage 1968: 1124)*

Torga e Aquilino, embora não tenham cultivado, em rigor o género fabulístico, são outros dos autores que encenaram magistralmente o silencioso drama das criaturas, atribuindo um espaço especial à dignidade e coragem do touro e à lealdade e valentia esforçada do cavalo. A técnica de Torga é apresentada como uma técnica naturalista levando ao processo de humanização da natureza e dos animais enquanto a de Aquilino é referida com características impressionistas e sensoriais...

Óscar Lopes (1975: 1073):

*Fez um esforço. Embora ardesse numa chama de fúria, tentou refrear os nervos e medir com a calma possível a situação. Estava, pois, encurralado, impedido de dar um passo, à espera de que lhe chegasse a vez! Um ser livre e natural, um toiro nado e criado na lezíria ribatejana, de gaiola como um passarinho, condenado a divertir a multidão! Irreprimível, uma onda de calor tapou-lhe o entendimento por um segundo. O corpo, inchado de raiva, empurrou as paredes do cubículo, num desespero de Sansão.
Nada. Os muros eram resistentes, à prova de quanta força e quanta justa indignação pudesse haver. Os homens, só assim: ou montados em cavalos velozes e defendidos por arame farpado, ou com sebes de cimento armado entre eles e a razão dos mais...
(Torga 1990: 109)*

Anos e anos a acarretar leite para a fábrica, vila vai, vila vem, fartos seus olhos de ler no inalterável trajeto a mesma história de rampas, lombas, paredes, o cavalo do Cleto arriou. Era lento e preso da marcha como se todo o seu arcabouço quisesse fundir-se na imobilidade dos caminhos. Tinham-lhe nascido alifafes insuportáveis nos tendões e nas jogas das pernas, e com a potreira das suas mataduras embebedavam-se as moscas de dez léguas. À sobreposse, lá continuava a fazer a romaria quotidiana com os potes do leite na sua, tirando da loja com o cantar matutino dos galos, para volver quando os bois remoíam nos estábulos a erva dos pastos. Descansava então umas horas num sono quebrantado de pesadelos, em que havia guerras de cavalos e precipícios a atravessar com cargas descomunais. (Ribeiro 1984: 157)

Ao longe para lá dos montes, avistou um corpo afogueado que descia. E vagamente interrogou-se:

- Será o sol?

Depois, lembrando da poldra e do garanhão que galopavam para as núpcias ferozes, considerou:

- É o amor dos cavalos.

No horizonte, a grande rosa caiu arrastando o ar todo. E às escuras se engolfou no escuro nada.

(Ribeiro 1984: 167)

António Sabler (1995) trouxe a lume a tradução de um conjunto de *Fábulas de La Fontaine*, magnificamente ilustradas por António Modesto. O autor procurou ser o mais fiel possível ao texto original, o que em nada prejudicou a literariedade dos seus textos, sóbrios, elegantes e linguisticamente corretos.

Compare-se a sua versão de *A Rã que queria igualar-se ao Boi* com a versão de La Fontaine para apreciar o quanto uma tradução pode respeitar todo o valor literário do original:

Uma rã encontrou um boi
que lhe pareceu de belo porte.
Ela, que não era maior do que um ovo,
invejosa estica-se, incha, fazendo força
para igualar o animal em grandeza,
dizendo: "Veja lá, oh irmão,
diga-me, estou bem assim, ou ainda não chega?"

"Não." "E agora?" "Ainda não." "Já?"

[...] (Sabler 1995: 20)

A fábula, enquanto textura literária, afirma-se, antes de mais, pelas conotações simbólicas de uma sabedoria proverbial universal. A *Rã* e o *Toiro* e o *Leão velho* são algumas das fábulas mais divulgadas em Portugal e, das que melhor resistiram ao tempo. São algumas das mais prezadas pelos pedagogos e apreciadas pelas crianças, como o atestam algumas das nossas melhores versões literárias para a infância, tais como a de Esther de Lemos (1992).

1. Protagonistas dos Bestiários

A conceção da inferioridade do sexo feminino é uma constante em todos os dualismos. Os dualismos oriundos do platonismo tais como os gnósticos e os maniqueus que percorrem o Fisiólogo e os Bestiários medievais apenas confirmam a regra. Gilbert Durand (1989: 75) relembra que entre os povos das Caraíbas e os iroqueses a feminilidade é rejeitada para a esfera da anormalidade. As sereias e as esfinges são apenas alguns dos expoentes de tal imaginário.

No mundo simbólico dos Bestiários, inúmeras são as conotações e as expressões sexuais habilmente sublimadas, variadíssimas foram os estudosos que as sugeriram tais como Malaxecheverría (1982).

É de salientar que, se omitirmos os tritões da mitologia greco-latina, a primeira referência à sereia com rabo de peixe é do *Liber Monstrorum*, escrito em país anglo-saxónico e data do fim do século IX. A maior parte da literatura medieval refere a sua natureza híbrida de mulher e de peixe, embora algumas obras lhe atribuam características de ave de rapina, numa clara confusão com as estrínges da mitologia latina.

Santo Isidoro (1983) compara-a com as Górgonas, meretrizes que petrificam apenas com o seu olhar e arrastam para o naufrágio os incautos mareantes. O Fisiólogo arménio refere a sua constituição híbrida: mulher até aos seios, pássaro, burro ou touro dos seios para baixo.

A feminidade apresentada nos Bestiários exhibe uma sexualidade intensa e feroz.

O boi, a vaca ou, melhor, o vitelo ou a vitela representam em Pierre de Beauvais a alma ou o homem que vive em pecado mortal. No artigo 38 da sua versão longa, relata-nos que um pássaro que vive nos desertos da Índia a que chamam 'gripão' possui tanta força que consegue elevar um vitelo e levá-lo para o seu ninho para alimentar as suas crias: «*Cet oisels senefie diable: le buef senefie l'home qui vit en mortel péchié...*» Cahier (1851: vol II: 226).

O Bestiário de Ashmole, de 1511³⁵, cuidadosamente protegido na Bodleian Library de Oxford faz referência ao 'Bonacon', animal híbrido, asiático, que possui focinho de boi, corpo e crina de cavalo. O fogo que emana durante as suas defecções queima tudo o que toca. É assim que o animal se defende dos seus predadores (Ashmole 1988: 68). Faz também referência ao jovem touro apelidado de *juvencus*, porque ajuda (*juvare*) os homens a cultivar a terra, mas também porque é ele que, em todo o mundo pagão, é imolado para honrar Júpiter (*Jovi*) e nunca o touro propriamente dito (Ashmole 1988: 86). O vitelo ou a vitela, chamado 'boen' em grego e 'trionem' pelos latinos, por escavarem a terra (*triat*) são referidos pela sua amizade e fidelidade aos seus companheiros. Possuem a característica de adivinhar o tempo, a meteorologia (Ashmole 1988: 86).

O espaço do deserto e o da floresta correspondem aos espaços das provas iniciáticas e logo dos encontros com as forças demoníacas por excelência (Bettencourt em Centeno, Yvette Kace / Freitas, Lima de 1991: 109-111). São os espaços selvagens que se opõem aos espaços culturais ocupados pelos homens e sinónimos de civilidade. Cruzar-se com o animal é cruzar-se com o demónio, manifestações das fraquezas, dos vícios e dos pecados dos homens, enquanto fonte de sofrimento e prenúncio da morte. O lobo é uma dessas manifestações mais frequentes, mas está longe de ser a única: a serpente, o leão, o touro e a pantera, o urso, o porco e o galo, o camelo, a água e todos os pássaros de cor negra desempenharão a mesma função Voisinet (1994: 53). Todavia alguns santos terão a virtude de apaziguar a fera e afirmar desse modo a inequívoca presença divina, lembrando a profecia de Isaías (11, 6-9): «*O lobo coabitará com o cordeiro, a pantera deitar-se-á com o cabrito.*»

Pierre de Beauvais (Cahier 1851 vol. II: 157) fala-nos de um ser híbrido meio cavalo, meio homem, chamado 'arpe'. Trata-se, na realidade, de uma das criaturas mais confundidas com uma outra que sempre se afirmou como uma das mais cruéis fantasias humanas: a 'Centícora' ou a 'Mantícora', que também vivia no deserto da Índia. A besta era toda negra, possuía dois chifres, coxas de leão, rabo de elefante, corpo e cascos de cavalo. A referência aos chifres invoca obviamente os

³⁵ Publicado por Marie-France, Dupuis e Louis, Sylvain em 1988. Por maior eficácia, referimo-nos à obra pelo o nome da sua origem e pela data da publicação da versão consultada: Ashmole 1988.

terríveis mistérios femininos, senhores da vida e da morte, da fecundidade e das eróticas negras forças do além, numa estranha fusão entre 'eros' e 'tanatos'.

Ainda hoje, as mulheres grávidas imploram a sua proteção no templo de Carnaque, tal como as mulheres estéreis adoram 'Kâli' em Calcutá (Ronecker 1994: 220). Pelo terror que inspira, tornou-se o guardião das portas do templo e do trono real. Símbolo de força, representa o rei desde épocas proto-históricas. Gárgulas de templos retêm o poder dos deuses das tempestades (Prieur 1988: 17). Foi a partir da sua força, do seu simbolismo, da ambiguidade das suas energias que surgiu a enigmática imagem da esfinge. 'Sakhmet' é apenas um dos aspetos da tríade constituída por 'Hathor', a vaca celeste e 'Bastet', a gata. A estranha tríade chegou a ser confundida com Ísis, deusa dos mil nomes (Lurker 1994: 124-125). Enquanto vaca cósmica é a própria mãe do sol, na sua forma de gata, torna-se alegre e meiga, deusa do amor. Tal complexidade revelou-se uma perfeita metáfora da duplicidade da natureza erótica, criadora e destrutiva. Foi tal o seu sucesso que os gregos lhe chamaram Afrodite, a deusa da alegria, do prazer, do gozo e claro está: do amor.

Alguns poetas contemporâneos fizeram questão em dar novo alento aos Bestiários. António Osório ocupa, em Portugal, um espaço privilegiado na matéria:

Vacas

Olhos de negro,
Olhos que deitam
Funda desolada bondade.

Ásperas e verde a língua
Que afaga os tímidos quadrúpedes.
Após o cutelo,
A queda,
Sanguinolentos mantos.

Nascente que se renova amando.
(Osório 1997: 26)

O Touro Néscio
A Diogo Pires Aurélio

Pintada de vermelho, a praça de touros itinerante era desmontável como os circos erráticos. Dentro comandava o Inteligente, impecável, e o seu ordenador cornetim de luva branca.

Havia um touro néscio. Antes de sair do curro espreitou, teve dois cautelosos passos, olhava à volta sem ilusões, e recuava lestandamente à aproximação capciosa de dois sujeitos mal agouirados.

O Público, incluindo as crianças, ria (parecia-lhe) desalmadamente - e um cavaleiro pregou-lhe um ferro de castigo. Exibiu um pungente assombro. A sua era uma causa pacífica, não contassem com cornadas, tinha um desgraçado medo daqueles artistas.

Não foi laçado pelos cornos – descobriu logo o único buraco por onde poderia dignamente sair. Esquecendo os seus males, até os doentes profundos (do corpo e da alma) se divertiam naquela ópera-bufa com o touro néscio, que tinha uma solene mansidão de santo.

(Osório 1997: 46)

A literatura para a infância, à margem dos fabulários, não deixou de prolongar algumas das conotações mais intensas do ponto de vista simbólico, assim como todo o potencial poético que algumas das "criaturas" transportam desde tempos imemoriais em que o Touro, voz de trovão, deus dos deuses, se confunde com o demiurgo que fecunda a terra, em que a Vaca, alimentícia, é uma imagem do próprio universo (Egito) e, em que o cavalo, branco, um dos animais psicopompo mais cultuado, inicia os escolhidos nos caminhos da verdadeira liberdade espiritual e nas lezírias da eternidade:

2. Presenças no nosso imaginário tradicional

«Pegar os touros pelos cornos» (5267)³⁶ representa um ato de bravura, de coragem, de determinação, qualidades atribuídas ao touro e a quem o enfrenta.

³⁶ Por razões pragmáticas, neste ponto, fazemos apenas referência à numeração pela qual os provérbios são apresentados em Santos, Maria Alice Moreira dos (2000).

O boi surge no nosso imaginário popular associado à vida, à água e a fecundidade. Vários são os contos que o apresentam com uma sede insaciável³⁷: *A formiga e a neve*, *A romãzeira do macaco*, *O galo e o pinto*. A sua dimensão sacrificial e de animal de estimação estão sublinhadas em *O rabil* e *O conto do Fuso*. O *coelhinho branco* revela a sua faceita medrosa.

Com a ajuda sobrenatural das fadas, no conto *A Enjeitada*, os chifres das vacas servem para dobrar as meadas associando-as assim aos mistérios lunares e obviamente femininos que superintendem os fenómenos da vida e da morte.

3. Conclusão

Tanto nos bestiários medievais, quanto nos fabulários em geral, seria errado sublinhar uma presença especial do toiro. A sua presença é discreta nos fabulários que desde os seus primórdios privilegiaram as pequenas e frágeis criaturas, assim como as suas lições de sobrevivência perante os fortes e os poderosos.

Os bestiários medievais não se afastaram substancialmente do Fisiólogo, muito provavelmente concebido na Alexandria do século terceiro. Vive-se então o maior confronto da história religiosa do Império romano. Por um lado, um conjunto de correntes cristãs, oriundas dos pensamentos mais espirituais e místicos de sincretismos religiosos, orientais, helénicos, e judaicos, impiedosamente perseguido por excluir qualquer outra doutrina religiosa e, em particular a imperial; e por outro um mitraísmo, oriundo das mais antigas crenças da humanidade, formadas nos grandes deltas da Mesopotâmia e, talvez, até da Índia, disseminado de oriente para ocidente, do Mediterrâneo até ao Norte do Atlântico, celebrando a alegria de viver, da fertilidade e da fecundidade, promessa de fartura eterna, disciplinadamente organizado, quase à imagem da estrutura militar romana, fortemente hierarquizado, solidário, repleta de secretismos e gozando de uma especial simpatia imperial.

Abundantes são os seus vestígios em Itália (Roma), na Gália (Bordéus) na península (Mérída). António Maria Romeiro Carvalho publicou, em 2009, um artigo em que identifica algumas das sepulturas escavadas nas rochas como elementos essenciais da religião mitríaca, espaços onde os fiéis seriam aspergidos pelo sangue purificador do touro sacrificado, imagem da incomensurável generosidade do próprio deus. Carvalho evoca uma versão da Bicha das sete cabeças e outra de Pedro e Pedrito (Coelho 1995) para evocar a força mágica e divina da aspersão sanguínea e vivificante: «As fadas disseram a Pedro que só com o sangue dele derramado sobre o Pedrito o podia tornar em homem (...)» (Coelho 1995: 232).

³⁷ Fazemos aqui alusão às versões dos contos apresentadas por Adolfo Coelho (1985). Para evitar repetições, tomamos a liberdade de apenas referir o título que cada conto apresenta na obra citada, facilmente consultados com o auxílio do seu índice.

Pessoalmente basta-me referir o inequívoco 'Mithraeum', achado junto de um templo protocristão, na península de Troia e precisamente datado do século terceiro depois de Cristo, com abundantes vestígios de sincretismo religioso (Jalhay 1948).

A maior parte dos movimentos milenaristas recuperam alguns dos pensamentos cristãos mais primitivos, evidenciando antigos sincretismos orientais e ocidentais, mitríacos e platónicos, aspirando a uma religião cósmica, de verdade e de amor, de despojamento, de pobreza material, de vida comunitária e asceta, de solidariedade e de comunhão em Cristo e com Cristo. Neles se inscrevem a devoção ao Espírito Santo, ainda hoje tão viva nas ilhas açorianas e, em particular, na ilha Terceira. Neles tomou forma o pensamento de São Francisco que doou a sua vida pela vida do próprio Espírito Santo, Imperador do Sagrado Império, da igualdade universal, simbolizado pela tábua redonda, pela cavalaria celestial, onde todos são iguais, no amor e na pobreza, até o mais estranho dos forasteiros. Terminamos com uma citação de um dos autores que melhor entenderam a permanência do culto mitríaco na taumaturgia taumática:

Ce soir-là il n'y avait pas de lune. Mais solente, la lune se levant précisément derrière l'enclos, elle était apparue enorme, posée sur une tête bovine, encastrée entre les deux cornes comme dans les statues du dieu-boeuf Apis. C' était la lune d' Artémis, qui avait émigré en Tauride montée sur un taureau, et dont les mithriastes voyaient le char traîné par des taureaux blancs... Artémis, la déesse intacte, la dure et fraîche, qui aime les marécages, les bêtes féroces, le sang des jeunes garçons flagellés, déesse des animaux fous, déesse de l'amour entre les hommes et les animaux, patronne des Saintes-Maries comme elle était patronne de Massilia, qu'on appelle Marseille, d' Antipolis, qu'on appelle Arles, d' Arelate, qu'on appelle Arles, de Nemausus, qu'on appelle Nîmes, de tout ce golfe du Lion où l'avaient apportée les Phocéens, et où les églises de Christ s'étaient élevées sur ses temples, bâties avec leurs pierres mêmes, comme si elle ne cédait la place qu'en restant. (Montherlant 1954: 266)

Bibliografia

- Bocage, Manuel Maria Barbosa du (1968), Apólogos. In Obras de Bocage. Porto: Lello & Irmãos, p.1103-1155.
Carvalho, António Maria Romeiro (2009), O culto de Mitra e as sepulturas escavadas na rocha. Açafa on-line n.º 2: www.altotejo.org
Chevalier, Jean; Greerbrant, Alain (1994), Dicionário dos símbolos. Lisboa: Teorema.
Chevalier, Jean; Greerbrant, Alain (1982), Dictionnaire des symboles. Paris: Robert Laffont: Jupiter.
Coelho, Adolfo (1985), Contos populares portugueses. Lisboa: Dom Quixote.
Dupuis, Marie-France / Louis, Sylvain (1988), Bestiaire Ashmole 1511. Paris: Philippe Lebaud.
Durand, Gilbert (1989^a), As estruturas antropológicas do imaginário. Lisboa: Presença.
Elísio, Filinto (1838-1839), Fábulas de La Fontaine. In Obras de Filinto Elísio. Lisboa: Tipografia Rollandiana
Elísio, Filinto (1998), Fábulas de La Fontaine. Vol. I Braga: A.P.P.A.C.D.M.
Elísio, Filinto (2000), Fábulas de La Fontaine. Vol. VI, Braga: A.P.P.A.C.D.M.

- Elísio, Filinto; Semedo, Curvo (s.d.), *Fábulas e La Fontaine*. Mem Martins: Europa América.
- Esopo (1985), *Fables*. Paris: Les Belles Lettres.
- Fedro (1989), *Fables*. Paris: Les Belles Lettres.
- France, Marie de (1983), *Les Laïs*. Paris: Honoré Champion.
- Hesíodo (1996), *Théogonie*; *Les travaux et les jours*; *Le bouclier*. Paris: Les Belles Lettres.
- Horácio (1976), *Satires*. Paris: Les Belles Lettres.
- Jalhay, Eugénio (1948) – Franz Cumont e o baixo-relevo mitraico de Tróia (Setúbal). Sep. da Revista Brotéria. Volume XLVI, Fasc.5.
- Isidoro de Sevilha (1983), *Etimologias*. Vols. I e II, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Lancereau, Édouard (1965), *Pañcatantra*. Trad. du sanskrit et annoté par Édouard Lancereau. Saint-Amand: Gallimard: UNESCO.
- Lemos, de Esther (trad.) (1992), *Fábulas de La Fontaine*. Lisboa: Verbo.
- Lima, Augusto (1947), Livro de leitura: para o ensino técnico elementar – 1º ano. Porto: A. C. P. Lima.
- Lopes, Óscar; Saraiva, António J. (1975), *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Lucas, António [S. l.: s. n., s. d.], Livro de leitura: para os alunos da Escola Prof. de Pesca Dr. Gonçalves de Proença.
- Lurker, Manfred (1994), *Dictionnaire des dieux et des symboles des anciens égyptiens*. Wien: Pardès.
- Malaxecheverría, Ignacio (1982), *Le bestiaire médiéval et l'archétype de la féminité*. Paris: Lettres Modernes.
- Malaxecheverría, Ignacio (1986), *Bestiário medieval*. [S. l.]: Siruela.
- Manuel, D. Juan (1984), *El Conde Lucanor*. Madrid: Espasa-Calpe.
- Manuel, D. Juan (1994), *O Conde Lucanor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Menéres, Maria Alberta (trad.) (1999), *Fábulas de La Fontaine*. Porto: ASA.
- Miranda, Francisco Sá de (1944), *Obras Completas*. Vols. I e II, Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Miquel, Dom Pierre (1992), *Dictionnaire symbolique des animaux*. Paris: Le Léopard D'or.
- Moscatti, Sabino (1963), *L'Orient avant les Grecs: les civilisations de la Méditerranée Antique*. Paris: P.U. F.
- Osório, António (1997), *Bestiário*. Lisboa, Elo.
- Pañcantantra (1965), Paris: Gallimard: UNESCO.
- Pereira, Luciano (1991a), *Os animais e os contos tradicionais portugueses*. Setúbal, E. S. E., Instituto Politécnico.
- Pereira, Luciano (1991b), *Os bestiários franceses do século XII*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Tese policopiada.
- Pereira, Luciano (1994), *O universo do imaginário*. Setúbal: E. S. E., Instituto Politécnico.
- Pereira, Luciano (2003), *A Fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Tese policopiada.
- Prieur, Jean (1988), *Les animaux sacrés dans l'Antiquité*. Paris: Quest-France.
- Ronecker, Jean-Paul (1994), *Le symbolisme animal*. St.-Jean-de-Braye: Dangles.
- Ribeiro, Aquilino (1989), *Arca de Noé*. Lisboa: Bertrand.
- Ribeiro, Aquilino (1984), *A pele de Bombo. Novelas e contos completos*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ruiz, Juan, Arcipreste de Hita (1994), *Libre del Arcipreste o de Buen Amor*. Madrid: Espasa Calpe.
- Sabler, António (1995), *Fábulas de La Fontaine*. Lisboa: Edinter
- Santos, Maria A. Moreira dos (2000), *Dicionário de Provérbios*. Adágio, Ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas. Porto Ed.
- Torga, Miguel (1990), *Bichos, contos*. Coimbra.
- Vasconcelos, José Leite de, (ed.) (1902), *Fabulário Português*. VIII, *Revista Lusitana*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand. 99-151.
- Vasconcelos, José Leite de, ed. (1906), *Fabulário Português*. *Revista Lusitana*. Lisboa: Imprensa Nacional. IX 6-109.
- Vasconcelos, José Leite de (1964), *Contos populares e lendas*. Vols. I e II, Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Voisinnet, Jean (1994), *Bestiaire chrétien*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.